

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: ANÁLISE DE ARTIGOS SELECIONADOS

Diego de Campos Domingos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar artigos selecionados que tratem de temas referentes ao campo científico da Administração no Brasil. Ao todo, foram selecionados onze artigos publicados em períodos de Administração e, para tal seleção, foram definidas como palavras-chave a serem buscadas nas bases de pesquisa Capes e EBSCO: produtivismo, campo científico da Administração, Sociologia da Ciência da Administração, professor-pesquisador, prática científica, acreditação e grupos de pesquisa. Para análise dos artigos, foram definidas três dimensões: metodológica, sociológica e prática. Metodologicamente, a forma ensaio teórico é a que predomina entre os artigos selecionados, sendo que o tema produtivismo acadêmico é o mais abordado. Também foi observado que o periódico com mais publicações é o Cadernos EBAPE.BR. Na dimensão sociológica foi observada predominância de temas como relações de poder e institucionalização e mercantilização do ensino de Administração, apresentando principalmente uma perspectiva macrossociológica. Por outro lado, a dimensão prática ainda tem sido pouco explorada nos estudos selecionados, principalmente como abordagem microssociológica. Ao fim, propomos um convite para debate a partir de alguns questionamentos que surgem após a descrição dos resultados da análise apresentada.

Palavras-chave: Sociologia da Ciência. Administração. Campo científico da Administração.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem sociológica da ciência pode ser considerada recente, sendo que foi a partir dos trabalhos de Robert K. Merton que a sociologia da ciência ganha traços definidos e introduz no debate discussões que dizem respeito ao modo de funcionamento e organização do âmbito científico e os aspectos que exercem influência na produção do conhecimento científico (MARTIN, 2000).

Ao analisar a trajetória de constituição da Sociologia da Ciência, Martin (2000) destaca Merton como primeiro a sistematizar aspectos centrais no referido campo, sendo que esse compreendia que a ciência é praticada em um contexto democrático, igualitário e, principalmente, refratário ao poder centralizado. Porém, divergências com essa concepção de ciência começam a ganhar forma e o principal ponto de inflexão encontra-se na obra de Pierre Bourdieu que, por sua vez, vê o espaço científico como um local dominado por regras de mercado e competição no qual o poder institucional torna-se mais forte que o próprio poder científico na determinação de teorias que serão aceitas.

¹diego.dcdomingos@gmail.com

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A sociologia da ciência, segundo Japiassu (1991, p. 36), “se interessa sobretudo pelo progresso da ciência, mas tentando levar em conta as relações entre a ciência e a sociedade”, ou seja, “as consequências que decorrem da ciência, de seus progressos e de suas realizações para a vida social e sua organização”, interessando-se não “pelos sistemas do conhecimento” – como é o caso da sociologia do conhecimento – , mas sim “pelos próprios cientistas, em suas reais condições de trabalho” e, assim, diferencia-se da sociologia do conhecimento que apresenta um “caráter especulativo para estudar o problema de uma determinação social do conhecimento”.

Bourdieu (1994, p. 126) aponta que

uma autêntica ciência da ciência só pode constituir-se com a condição de recusar radicalmente a oposição abstrata [...] uma análise imanente ou interna, que caberia mais propriamente à epistemologia e que restituiria a lógica segundo a qual a ciência engendra seus próprios problemas e, uma análise externa, que relacionaria esses problemas às condições sociais de seu aparecimento; e o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas. Não há "escolha" científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação; ou, ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes.

Nesse sentido, a partir de Bourdieu podemos colocar que a Sociologia da Ciência é a disciplina que se encarrega de discutir a produção do conhecimento científico com base na análise do contexto no qual esse conhecimento é produzido, já que a Sociologia da Ciência se baseia em uma determinada concepção de verdade a respeito do conhecimento que tem origem nas condições sociais de produção desse conhecimento, ou seja, em determinada estrutura de funcionamento relativa ao campo científico. Assim, deve-se procurar dar ênfase tanto aos fatores internos quanto externos que condicionam – interferem – a produção do conhecimento científico e, desse modo, o contexto o qual o autor se refere diz respeito à normas, instituições, disputas, atores, interesses, subjetividades, entre outros fatores que se relacionam direta ou indiretamente com as distintas lógicas que conduzem a produção do conhecimento científico.

A partir dessa perspectiva, o núcleo de pesquisa Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD) iniciou em 2009 uma sequência de estudos que procuram analisar o campo científico da Administração a partir de pressupostos teóricos da Sociologia da Ciência, apresentando como temas específicos de estudo a análise da produção a respeito do campo científico da administração no Brasil (SERVA; PINHEIRO 2009), vida e trabalho do professor-pesquisador (MELO, 2011; PINHEIRO, 2013; MELO; SERVA, 2014; SERVA et al., 2016), a gestão dos grupos de pesquisa (BINI; SERVA; MELO, 2013), a compreensão dos efeitos da regulação e das creditações na prática científica em Administração no Brasil (MELO, 2014) e a gestão universitária como subcampo da Administração (SCHLICKMANN, 2013).

Além desses trabalhos, na data de abertura da chamada de trabalhos do VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração foi

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

divulgado texto (SERVA, 2016) que tem como objetivo a abertura de espaço para trabalhos que contribuam para a repolitização do campo científico da Administração como contraponto à ideologia econômica da ciência marcada por industrialização, gerencialismo e produtivismo, sendo esses temas também de interesse no âmbito da Sociologia da Ciência.

Nesse sentido, o presente artigo procura analisar artigos selecionados que tratem de temas referentes ao campo científico da Administração no Brasil. Para tal, foram definidas como palavras-chave a serem buscadas nas bases de pesquisa: produtivismo; campo científico da Administração; Sociologia da Ciência da Administração; professor-pesquisador; prática científica; acreditação e grupos de pesquisa.

Reconhece-se, aqui, a limitação intrínseca à escolha de determinadas palavras-chave, porém o presente artigo não tem como intuito identificar o “estado da arte” do referido tema, mas sim possibilitar uma visão ampla da discussão referente a esses temas no campo da Administração e que, de certo modo, esteja relacionada com a plataforma de pesquisa mencionada anteriormente. Outra limitação diz respeito ao “corte” dado na pesquisa no que diz respeito ao critério periódicos, já que foi delimitada apenas a busca por artigos em periódicos o que, por sua vez, exclui outros trabalhos publicados nos demais espaços de divulgação científica.

Além dessa introdução, o artigo está dividido em mais quatro seções. A seção seguinte visa apresentar conceitos centrais que integram a abordagem da plataforma de pesquisa mencionada anteriormente. Na terceira seção são feitas breves considerações a respeito do campo científico da Administração. Na quarta seção procuramos detalhar os procedimentos metodológicos utilizados na coleta, seleção e análise dos artigos selecionados. Já na quinta seção apresentamos a análise e discussão dos artigos enquanto que na sexta seção são apresentadas as considerações finais.

2 SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Nesta seção são apresentadas breves considerações a respeito de dois aspectos centrais que integram a plataforma de pesquisa a respeito do tema Sociologia da Ciência da Administração que tem sido desenvolvida pelo núcleo de pesquisa ORD: campo científico e o pesquisador como ator central para análise do campo.

2.1 O campo científico

Merton (1979) afirma que na cultura ocidental a “fé” na ciência foi, por muito tempo, indiscutível. Hoje, a “torre de marfim” na qual os cientistas estão começa a ser questionada. Merton se propõe a estudar a estrutura cultural da ciência, os valores científicos, a consciência científica e o espírito científico. O autor defende que as democracias fornecem o melhor contexto institucional para o desenvolvimento da ciência, sendo que existem quatro imperativos institucionais que compreendem o *ethos* científico: (1) o **Universalismo** que acentua o caráter impessoal da ciência no qual o talento científico é muito mais importante que as características pessoais do cientista; (2) o **Comunismo** determina que os frutos do conhecimento científico sejam de uso comum e por isso o cientista deve tornar públicos os resultados de suas pesquisas; (3) o **Desinteresse** implica na motivação desinteressada do cientista, baseada na paixão pelo

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

saber, ou seja, os cientistas são moralmente íntegros.; e (4) o **Ceticismo Organizado** implica na submissão à crítica coletiva dos resultados das pesquisas.

De forma distinta à Merton, Bourdieu (1994) mostra que o campo científico não é tão harmônico, já que o mesmo é profundamente influenciado por distintas lógicas, entre elas a do mercado. O pesquisador luta para formar um “capital” intelectual inicial certificado por um título, sendo que com esse capital fará “investimentos” de pesquisa em instituições mais ou menos prestigiadas. A competição no campo científico assemelha-se à competição no campo econômico no qual a luta é desigual e depende da estrutura da distribuição do capital e do reconhecimento científico dos participantes da luta. Nesse sentido, o campo científico é marcado por um constante jogo de interesses onde os novatos buscam ganhar a estima de seus professores para que estes lhes garantam cartas de recomendação que os ajudarão a obter bolsas, prêmios, bem como acesso a instituições renomadas.

O campo científico, dessa forma, é um “sistema de relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores – é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1994, p. 122). Ou seja, o campo científico é compreendido por Bourdieu como um espaço de conflitos no qual distintas forças estabelecem uma relação concorrencial entre si na disputa pelo monopólio do poder.

Desse modo, o campo científico pode ser compreendido como um espaço social no qual diferentes agentes e instituições ocupam uma posição de poder que foi adquirida por meio de um processo histórico de disputas de forma a obterem a autoridade científica e, assim, decidirem sobre os “rumos” do campo². E, desse modo, assumir que o campo científico é um espaço de luta

É também recordar que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como “desinteressadas” senão quando referidas a interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos (BOURDIEU, 1994, p. 123).

Porém, que luta é essa?

Bourdieu (1994) coloca que é uma luta em torno dos monopólios da autoridade científica e da competência científica concedidos a um determinado agente. Assim, a luta científica se dá devido às posições contrárias nas quais os agentes são colocados a partir da existência de hierarquia no campo

O campo científico é sempre o lugar de uma *luta, mais ou menos desigual*, entre agentes desigualmente dotados de capital específico (...). Em todo campo se põem, com *forças mais ou menos desiguais*, segundo a estrutura de distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados (BOURDIEU, 1994, grifo no original).

Os vencedores, portanto, são aqueles que dominam o campo de forma que conseguem impor uma determinada definição de ciência “segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem” (BOURDIEU, 1994,

²Nas palavras de Bourdieu (1994, p. 122, grifo no original) o campo científico é descrito como um “sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica definida*, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

p. 128). Ou seja, o quanto o agente é capaz de impor sua autoridade científica é o que define sua posição hierárquica no campo de modo que o que é considerado científico é, na verdade, resultado de determinações dos agentes que dominam o campo científico. Assim, a autoridade científica entendida como “espécie particular de capital social que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que poder ser reconvertido em outras espécies de capital” (BOURDIEU, 1994, p. 127) é o que permite ao agente ocupar determinada posição na hierarquia do campo.

Por sua vez, essa posição adquirida se dá a partir de julgamentos a respeito da capacidade científica, essa podendo ser avaliada/medida por meio de três aspectos relacionados ao agente, a saber: (1) sua capacidade técnica; (2) seu poder social; e (3) por sua competência científica. Assim, acumular capital significa, de fato, “fazer um nome, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, mas que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum” (BOURDIEU, 1994, p. 132).

Nesse sentido, a autoridade científica – entendida como um tipo específico de capital – diz respeito ao reconhecimento e o ao prestígio que o agente acumula ao longo do tempo, sendo que essa pode ser tanto transmitida quanto reconvertida em outras formas de capital, sendo que Bourdieu define duas espécies distintas de capital: uma relacionada à autoridade científica baseada no prestígio do seu sobrenome e outra relacionada ao poder que possui sobre o mundo científico baseado na posição em que determinado agente ocupa em instituições que fazem parte do campo científico (BOURDIEU, 1994).

Nesse contexto, Bourdieu (1994) mostra que o campo científico não é tão harmônico, já que o pesquisador luta para formar um “capital” intelectual inicial certificado por um título, sendo que com esse capital fará “investimentos” de pesquisa em instituições mais ou menos prestigiadas. A competição no campo científico, desse modo, assemelha-se à competição no campo econômico no qual a luta é desigual e depende da estrutura da distribuição do capital e do reconhecimento científico dos participantes da luta. Assim, o campo científico é marcado por um constante jogo de interesses onde os novatos buscam ganhar a estima de seus professores para que estes lhes garantam cartas de recomendação que os ajudarão a obter bolsas, prêmios, bem como acesso a instituições renomadas.

Essa relação de disputa estabelece, também, duas posições no campo: os dominantes e os dominados. Os primeiros procuram reproduzir a ordem científica definida entre si (estratégias de conservação) de forma a manter o *status quo* enquanto que os dominados/novatos podem atuar por meio de estratégias de sucessão ou de subversão, sendo que todas são estratégias que visam o poder (BOURDIEU, 1994).

As estratégias de sucessão, segundo Bourdieu (1994, p. 138), são “próprias para lhes assegurar, ao término de uma carreira previsível, os lucros prometidos aos que realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados”, sendo que nesse tipo de estratégia os dominados “realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados” e, assim, “estabelecendo uma carreira previsível”. Já por meio de estratégias de subversão os dominados buscam uma “redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação”, sendo que ao desafiarem a ordem estabelecida no campo, os novatos que adotam as estratégias de subversão

só poderão “vencer os dominantes em seu próprio jogo” se empenharem um suplemento de investimentos propriamente científicos sem poder esperar lucros

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

importantes, pelo menos em curto prazo, posto que eles têm contra si toda a lógica do sistema (BOURDIEU, 1994, p. 138).

No entanto, para Bourdieu essas não são escolhas individuais tendo em vista que “é o campo que designa a cada agente suas estratégias, ainda que se trate da que consiste em derrubar a ordem científica estabelecida” (BOURDIEU, 1994, p. 138). Além disso, o autor coloca que independentemente da estratégia – seja ela de conservação ou de subversão – a propensão de escolha é “tanto mais dependente das disposições em relação à ordem estabelecida quanto maior for a dependência da ordem científica em relação à ordem social dentro da qual ela está inserida” (BOURDIEU, 1994, p. 139).

2.2 O pesquisador

Halffman e Radder (2015) criticam a invasão do *management* nas universidades e seus instrumentos de colonização que visam a eficiência e a excelência por meio do controle das atividades acadêmicas e mensuração dos resultados, ou seja, a universidade tem se tornado uma empresa e, nesse sentido, os autores listam seis processos que evidenciam essa colonização: *measurability for accountability*, ambiente de constante competição como meio de alcançar maiores níveis de qualidade, busca de maior eficiência do processos, a meta da excelência, compreensão da universidade como espaço (empresa) que precisa ser gerenciado por profissionais e a promessa que a universidade “empreendedora” é peça central no alicerce da economia. Por sua vez, esse processo de colonização só se tornou possível, segundo esses autores, devido a cooperação em massa de pesquisadores e afins, sendo que “*we wanted a university more involved with society [...] but we got a university that has reduced ‘society’ to ‘business’*” (HALFFMAN; RADER, 2015, p. 173) e, nesse processo, ocorreu a internalização do management nas práticas de pesquisa.

Ao atribuírem protagonismo aos pesquisadores na construção da atual configuração do campo científico, Halffman e Rader (2015) nos alertam sobre a importância de compreender o campo científico tendo como ponto de partida os atores e as suas práticas e, nesse sentido, consideramos “pensar” o pesquisador e suas estratégias de ação como fundamental para compreender a dinâmica de um determinado campo científico, mas não de forma a se basear “unicamente no que os pesquisadores e descobridores dizem de si mesmos” (LATOURET; WOLGAR, 1997, p. 19) – e sim também ao reconhecer o contexto temporal e espacial no qual se desenvolve o trabalho do pesquisador, ou seja,

os atores não são mais apenas marionetes movidas por condições às quais obedecem, não são mais somente pequenos demiurgos que calculam, em termos de rentabilidade ou de produtividade. Eles são confrontados a mundos, dos quais provam a realidade e a justiça em relação a suas maneiras de se engajar, são submetidos a coerções ecológicas fortes, mesmo dispondo de uma margem de manobra que lhes confere alguma liberdade. E, sobretudo, dispõem de uma capacidade de julgamento estético, moral e político [...] (CEFAI, 2009, p. 15).

Gingras (2000) afirma que a ciência é um negócio de ideais e métodos que depende do status dos que a fazem. A figura do intelectual surge no séc. XVII e domina o séc. XVIII. No séc. XIX surge o pesquisador ligado a academias científicas destinadas exclusivamente a pesquisa. Às universidades cabia apenas o papel de promover o ensino. Foi W. von Humbolt que promoveu a união da pesquisa e do ensino na mesma instituição. Surge, então, a figura do professor pesquisador. A França adota tardiamente o

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

modelo, e mesmo assim, não o faz por completo. Nesse país as atividades de pesquisa continuam largamente centradas fora do meio universitário enquanto que nos órgãos governamentais de pesquisa existe a figura do funcionário pesquisador. A partir do séc. XX grupos privados criam seus próprios laboratórios e institutos de pesquisa, sendo que no final do séc. XX ganha forma a figura do pesquisador empreendedor estimulado a patentear o resultado de suas pesquisas e dessa forma auferir, também, benefícios financeiros.

Leclerc (2005) coloca que não existe o intelectual isolado, já que para ser um intelectual não basta produzir uma obra tendo em vista que é preciso também impor-se em diferentes conexões de legitimação, sendo essas a pesquisa, o ensino e a edição e, assim, ser intelectual significa fazer parte conscientemente de uma coletividade.

O autor ainda coloca que o intelectual se distingue do trabalhador comum pelo fato de produzir uma obra (científica) singular. O intelectual é um produto da universidade e o seu “estilo de vida” está associado a certos locais e jornais partilhados entre seus colegas que colaboram para produzir um mundo de ideias e opiniões coletivas. A comunidade intelectual é formada por uma rede de conexões baseadas em três conceitos: filiação (frequência a eventos), legitimação (publicação) e consagração (reconhecimento pelo público) (LECLERC, 2005).

Desse modo, segundo Leclerc (2005), o prestígio dos pesquisadores universitários está ligado a quatro dimensões: o prestígio da instituição, a produção de uma obra conhecida (publicação), a participação em conselhos editoriais e, finalmente, a direção de laboratórios ou institutos de pesquisa.

Porém, o que é um pesquisador?

Dortier (2001) aponta que há distintas facetas na atividade acadêmica e procura superar a ideia de um pesquisador como o profissional que trabalha única e exclusivamente com pesquisa – como se sua vida se resumisse ao trabalho de laboratório ou de campo –, citando outras frentes de atuação como, por exemplo, ensino, edição e publicação, participação em eventos, busca por financiamento para pesquisas, atividades de gestão, cumprir exigências burocráticas e relação com colegas de trabalho. Ou seja, o pesquisador utiliza boa parte do seu tempo na organização de materiais da pesquisa, no processo de publicação, participação em eventos e, nesse sentido, se depara com o dilema *publish or perish* e, assim, tanto publicação quanto participação em eventos podem ser consideradas meios pelos quais o pesquisador busca visibilidade e reconhecimento de sua produção científica.

Além disso, Dortier (2001) afirma que a vida desse pesquisador, muitas vezes, pode ser ambígua e tortuosa devido ao fato de estar inserida não apenas no âmbito acadêmico. Assim, essa visão de um indivíduo localizado em um contexto social apresentada por Dortier (2001) converge com o intelectual descrito por Leclerc (2005).

Louvel (2005), por sua vez, dá ênfase a busca de prestígio e credibilidade por parte do intelectual/pesquisador em um campo hierarquizado e heterogêneo, sendo que essa hierarquia se dá com base no prestígio individual. Esse prestígio, por sua vez, pode ter distintas origens como, por exemplo, a instituição onde atua, o reconhecimento de obras científicas, influência em processos e mecanismos de edição e publicação e o cargo que ocupa em determinada instituição.

E é justamente esse intelectual/pesquisador/profissional que Berry (1995) descreve como um indivíduo apressado que, muitas vezes, é forçado a fazer escolhas a contragosto tendo em vista que sua carga de trabalho já ultrapassa o tempo ideal em que

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

ele pode efetivamente exercer suas atividades e, nesse sentido, o autor categoriza em três esferas distintas o trabalho do professor-pesquisador, a saber: a esfera das obrigações, a esfera das solicitações e a esfera criativa.

Aulas programadas e em horários fixos, reuniões de trabalho, reunião de organizações científicas/de pesquisa são algumas das demandas que fazem parte da esfera das obrigações, sendo que algumas dessas podem ser consideradas estatutárias (aulas); outras apresentam alto custo de ausência (reuniões para obtenção de recursos); e há àquelas que dizem respeito a obrigações locais como, por exemplo, reuniões com membros do núcleo de pesquisa o qual o pesquisador faz parte. Por fim, essas obrigações tendem a acumular na medida que o pesquisador progride na carreira (BERRY, 1995).

Na esfera das solicitações – que também tendem a aumentar na medida em que progride na carreira – fazem parte propostas de colaboração, palestras, participação em bancas, por exemplo, podendo essas serem tanto demandas internas quanto externas à instituição na qual o pesquisador está vinculado. Berry aponta que algumas dessas solicitações são fáceis de honrar e podem até mesmo ser agradáveis, sendo que outras são difíceis de recusar (BERRY, 1995).

Na esfera criativa, segundo Berry (1995), podem ser citados como exemplos a participação em seminários e colóquios, discussões e debates e produções científicas.

Por fim, o autor chama atenção que o pesquisador – diante das atividades que integram essas esferas – é capaz de fazer escolhas de forma a equilibrar demandas prazerosas e as que menos o agradam, já que esse procura utilizar-se de datas e rituais próprios com o intuito de viabilizar as tarefas que mais o agradam e fazer com que a criatividade integre a agenda na medida em que as esferas de obrigações e de solicitações aumentam, ou seja, fazer um contrapeso entre as distintas esferas de modo que a distribuição entre essas atividades esteja o mais próximo possível do seu ideal de trabalho (BERRY, 1995).

3 O CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO

Audet (1986) reforça a ideia bourdieusiana de que o campo científico é um espaço de disputas, sendo que sua dinâmica é um processo social no qual o que está em disputa é a definição do que é ciência a partir da definição de quais são os critérios de validação do conhecimento produzido no campo pelos distintos atores que constituem esse campo.

Nesse sentido, ao reconhecer a dinâmica social inerente ao campo é que se pode pensar o campo científico como de natureza sociológica (SERVA; PINHEIRO 2009). Assim, argumentamos que estudar a dinâmica de determinado campo diz respeito, também, a refletir sobre a epistemologia, ou seja, sua construção e consolidação como apontam Serva e Pinheiro (2009, p. 1) ao afirmarem que “a análise do campo é, portanto, uma possibilidade de avanço da ciência a partir da compreensão daqueles que a produzem”.

Ao integrar essa postura sociológica com a epistemológica, Audet (1986) utiliza o conceito de campo científico para analisar o processo de produção do conhecimento científico em Administração, sendo que o autor aponta que esse desenvolvimento seu deu a partir dos estágios de desenvolvimentos das sociedades industriais e que resultou numa configuração de atores distinta de outros campos, sendo que seus atores podem ser divididos em três grupos principais: os praticantes (gestores profissionais), os não

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

praticantes (analistas, pesquisadores, professores e estudantes) e os consultores organizacionais, sendo que esses últimos formariam um grupo híbrido/intermediário entre os praticantes e os não praticantes.

Serva e Pinheiro (2009) também destacam que o campo científico da administração é composto por uma diversidade de atores e relações o que, por sua vez, implica no fato de que diferentes lógicas de ação se confrontam e, assim, o conhecimento gerado nesse campo não é resultado de um ambiente harmônico e nem meritocrático.

Assim, segundo Audet (1986 *apud* SERVA; PINHEIRO, 2009, p, 5)

um campo é ao mesmo tempo um lugar e um sistema. Ele é o lugar das relações entre atores humanos que pretendem produzir conhecimentos definidos ou que são reconhecidos como tal, e que estão em concorrência para obter o controle da definição das condições de produção e validação desses conhecimentos. Ele é também o sistema de posições que ocupam os atores-produtores, e de suas relações. O critério decisivo (...) é a pretensão ou o reconhecimento da produção do tipo de conhecimento definido que constitui o escopo do campo.

Serva (1992) ao discutir o campo da administração no Brasil dá destaque ao processo de importação de metodologias, sendo que esse processo pode ser dividido em duas fases. Na primeira, do início do século XX até os anos 30, a importação esteve muito mais ligada a uma “racionalização” da ideologia burguesa industrial do que propriamente a racionalização do processo produtivo em si. Essa última perspectiva só está presente a partir dos anos 30, quando a institucionalização de um Estado burocrático burguês se consolida no Brasil. Dentro desse contexto surgem as primeiras instituições de ensino de administração no Brasil a partir da década de 50, fruto de convênios com universidades americanas que treinam os primeiros docentes brasileiros.

Ainda para o autor, a legitimação da importação de metodologias estrangeiras se dá por meio da criação de mitos que implicam na deformação dos sentidos pelos conceitos. Assim, razão instrumental passa a ser entendida como a única razão, sendo que a ideologia gerencial legitima a separação entre o fazer e o pensar, ou seja, o paradigma funcionalista prioriza formulações utilitárias destinadas a atender critérios de eficiência e eficácia que resulta na importação acrítica de modelos que, por sua vez, favorece o consumo de modismos administrativos (SERVA, 1992).

4 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

Os artigos utilizados nessa pesquisa foram coletados a partir de duas bases de busca, a saber: Periódicos CAPES e EBSCO. As palavras-chave utilizadas na busca foram produtivismo, campo científico da Administração, Sociologia da Ciência da Administração, professor-pesquisador, prática científica e grupos de pesquisa.

A primeira seleção de artigos foi feita com base no periódico de publicação, sendo que foram selecionados apenas artigos publicados em periódicos de Administração. Quando houve dúvida, procurou na seção “foco e escopo” de cada revista alguma referência a área da Administração.

O próximo procedimento foi identificar os artigos relevantes para o objetivo da pesquisa. Para isso foram definidas duas etapas: leitura do título do artigo e leitura do resumo do artigo. Ao longo desse processo observou-se a existência de artigos duplicados que, quando identificados, foram excluídos. Também houve casos de artigos com título em inglês e/ou espanhol mas que também apresentam versão em português, nesses casos optou-se pelo artigo em português.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A seleção final dos artigos (11 no total) pode ser observada no quadro 01.

Quadro 1: Artigos selecionados para análise

Ano	Artigo	Autor(es)	Periódico
2010	Percepção, atuação, autonomia e condições de trabalho de coordenadores do curso de Administração de IES do estado de Minas Gerais	Marcos Antônio de Camargos; Alexandre Rolim Ferreira; Mirela Castro Santos Camargos	Revista de Gestão
2011	Academia e a fábrica de sardinhas	Rafael Alcadipani	O&S
2011	(Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador	Ana Maria Netto Machado; Lucídio Bianchetti	RAE
2011	Repensando o produtivismo em gestão no (e a partir do) Brasil	Alexandre Faria	Cadernos EBAPE.BR
2011	Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica	Rafael Alcadipani	Cadernos EBAPE.BR
2012	Conjecturas a respeito do campo científico da Administração e Atuação do Pesquisador	Raphael Schlickmann; Júlio Eduardo Ornelas Silva; Andressa Sasaki Vasques Pacheco; Pedro Antônio de Melo	Revista Gestão e Tecnologia
2012	O produtivismo e suas anomalias	Christiane Kleinübing Godoi; Wlamir Gonçalves Xavier	Cadernos EBAPE.BR
2013	Nem só de debates epistemológicos vive o pesquisador em Administração: alguns apontamentos sobre disputas entre paradigmas e campo científico	Milka Alves Correia Barbosa; Jouberte Maria Leandro dos Santos; Fátima Regina Ney Matos; Ana Márcia Batista Almeida	Cadernos EBAPE.BR
2014	A agenda do professor-pesquisador em Administração: uma análise baseada na sociologia da ciência	Danilo Melo; Maurício Serva	Cadernos EBAPE.BR
2014	‘Afim, você também trabalha?’ Reflexões sobre o não trabalho no ambiente da pós-graduação em Administração	Josiel Lopes Valadares; Alex dos Santos Macedo; Valderi de Castro Alcântara; Flávia Lucianda Naves Mafra	Teoria e Prática em Administração
2016	Lógicas de ação de professores em Administração: uma análise baseada	Maurício Serva; Daniel Moraes	Revista de Ciências da

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

	na sociologia da ciência	Pinheiro; Danilo Melo; Gustavo Matarazzo	Administração
--	--------------------------	--	---------------

Fonte: elaborado pelos autores

No que diz respeito a análise dos artigos selecionados, serão adotados três critérios de análise: dimensão metodológica, dimensão sociológica e dimensão prática. O primeiro critério tem como base o estudo realizado por Paiva, Oliveira e Melo (2008) enquanto que os outros dois critérios tem como base o artigo de Serva e Pinheiro (2009).

O primeiro critério tem como objetivo a descrição das características metodológicas dos artigos selecionados. Paiva, Oliveira e Melo (2008) elencam critérios de análise, sendo que para o presente artigo optou-se por utilizar apenas dois: natureza da análise e a abordagem da pesquisa.

Segundo Machado-da-Silva, Amboni e Cunha (1989) um artigo científico pode ser classificado em teórico, empírico e teórico-empírico. Artigos do tipo teórico apresentam análises com base em conceitos e proposições sem a preocupação de corroborar ou refutar a teoria apresentada por meio de um teste empírico, sendo que nesse grupo também podem ser inclusos os ensaios teóricos com o objetivo de alcançar um conhecimento mais profundo sobre o tema abordado. No que diz respeito aos artigos do tipo empírico os autores mencionam que esse, por sua vez, procurar compreender e explicar uma determinada realidade por meio da observação e da análise de dados coletados, sem apresentar uma relação com um referencial teórico. Já os artigos do tipo teórico-empírico apresentam estudos que partem de um referencial teórico e visam corroborar ou refutar os fundamentos teóricos apresentados ao descrever e/ou interpretar os dados coletados e analisados (MACHADO-DA-SILVA; AMBONI; CUNHA, 1989).

A respeito da abordagem de pesquisa as categorias são quantitativo, qualitativo e misto. Richardson et al (2008) afirmam que os métodos qualitativo e quantitativo se diferenciam, principalmente, pela forma como o problema é abordado. Há também o método denominado misto, ou seja, aquele que conjuga o qualitativo e o quantitativo, em sequência, conforme mostra Creswell (2010). Para Richardson et al. (2008) é o emprego da quantificação na coleta de dados e o uso de técnicas estatísticas para sua análise que caracterizam a pesquisa quantitativa. Dessa forma, a pesquisa quantitativa procura proporcionar uma maior precisão dos resultados obtidos ao evitar distorções de análise e interpretação. Nesse tipo de pesquisa, conforme Michel (2005), busca-se respostas numéricas, exatas e inquestionáveis. Ainda segundo a autora, “na pesquisa quantitativa o pesquisador descreve, explica e prediz (MICHEL, 2005, p. 33)”. Já na pesquisa qualitativa, de acordo com Michel (2005), a verdade não é comprovada por meio de números e estatísticas, mas sim sendo corroborada por meio da experimentação empírica. Nessa modalidade o pesquisador participa, compreende e interpreta os dados coletados na pesquisa (CHIZZOTTI, 2001). Vergara (2007) aponta que a investigação de realidades sociais por meio da compreensão e interpretação dos significados humanos e de seus processos de construção social caracteriza a pesquisa como qualitativa.

No critério para análise referente a abordagem sociológica do campo científico, procura-se dar ênfase a dimensão sociológica na qual

encontram-se os estudos que consideram os conceitos de espaço social e de campo científico como imbricados em relações sociais, considerando inclusive os aspectos institucionais e políticos, as regras e conflitos existentes. Abarcam

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

também estudos sobre o aspecto da interdisciplinaridade, especificamente no que tange às relações entre cientistas de diversas áreas do conhecimento. Abrange estudos que contemplem a produção científica para a acumulação de capital social, o valor simbólico dos produtos científicos e o processo de produção e distribuição de conhecimento, bem como as relações de interesse ocorridas no campo (SERVA; PINHEIRO, 2009).

Por sua vez, à dimensão prática

estão relacionados os estudos que revelem o trabalho do pesquisador em ciências da administração, seu cotidiano e suas particularidades, bem como, estudos particulares sobre as suas condições de trabalho e de sua inserção no mercado de trabalho. Ainda, podem ser considerados os aspectos de contribuição à ciência da administração pelo estudo das categorias dos praticantes e não praticantes (SERVA; PINHEIRO, 2009).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS

A seguir são apresentadas, com base nas categorias delimitadas na seção anterior, as análises de artigos selecionados.

5.1 Artigo “Percepção, atuação, autonomia e condições de trabalho de coordenadores do curso de Administração de IES do estado de Minas Gerais”

Camargos, Ferreira e Camargos (2010) apresentam como objetivo do artigo identificar e analisar a percepção, atuação, autonomia e condições de trabalho dos gestores do curso de Administração de Instituições de Ensino Superior (IES) do estado de Minas Gerais.

O estudo teórico-empírico e predominantemente quantitativo utiliza questionário para coleta de dados junto a uma amostra de 34 coordenadores com o intuito de viabilizar a identificação de fatores que não são explicitados em relatórios do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Nesse sentido, o estudo considera uma dimensão prática ao dar ênfase a aspectos do trabalho profissional dos coordenadores que fazem parte da amostra, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho que são, muitas vezes, “mascaradas” por relatórios oficiais, mas preocupados principalmente com suas atividades como coordenador, ficando em segundo plano a sua posição como professor-pesquisador.

Por sua vez, o artigo toma o trabalho do coordenador como uma realidade dada, sem questionar as condições do campo científico da Administração, ou seja, trata da dimensão individual dos coordenadores no sentido em que esses assumem uma posição de “gestor”, mas os autores não levam em consideração fatores institucionais e políticos que influenciam esse processo.

Porém, ao problematizarem a dimensão tecnicista que predomina na função de coordenador e sua possível influência na formação de discentes com pouca capacidade reflexiva os autores demonstram uma aproximação com a dimensão sociológica ao relacionarem a prática dos coordenadores com a forma como o conhecimento é produzido e reproduzido no campo científico.

5.2 Artigo “Academia e a fábrica de sardinhas”

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Alcadipani (2011a, p. 347) discute, sob a forma de ensaio, a inserção de lógicas gerencialistas ao apontar o produtivismo e os sistemas de avaliação como fatores de um processo no qual predomina “a imposição da lógica do tempo empresarial taylorista-fordista em algo que é essencialmente artesanal”.

A dimensão sociológica pode ser observada no fato do ensaio considerar aspectos institucionais no processo de transformação de um “trabalho artesanal” que ao invés de ser reconhecido pelos méritos de pesquisa e reflexão passa a ser julgado e reconhecimento por um processo majoritariamente quantitativo.

Assim, ao discutir a institucionalização do gerencialismo no meio acadêmico, o autor contribui também com que os atores desse meio reflitam sobre os processos de produção científica, mas sem necessariamente abordar esse processo de institucionalização a partir de atores do campo, do seu cotidiano de trabalho.

5.3 Artigo “(Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador”

Machado e Bianchetti (2011, p. 251) procuram colocar o trabalhador-pesquisador como um sujeito que crítica o atual contexto do produtivismo acadêmico, mas que acata as condições impostas, sendo que esse ensaio coloca que a lógica produtivista transformou os intelectuais em seres com pouco ou nenhum tempo para realizarem a sua principal atribuição: “analisar com rigor crítico a complexidade dos processos em curso (naturais ou sociais)”.

Na dimensão sociológica os aspectos relacionados ao poder ganham ênfase no ensaio, já que a partir de uma perspectiva histórica da formação do campo científico é colocada a influência de diversos atores institucionais que culmina na mercantilização da produção científica, do capital intelectual. Porém, os pesquisadores, segundo os autores, “estão em posição favorável para equilibrar as forças, uma vez que é o capital que precisa deles para perpetuar seus propósitos”, sendo que se torna necessário “ultrapassar o estágio de ser alienado e ter alienado o processo e os resultados do nosso trabalho” (MACHADO; BIANCHETTI, 2011, p. 253) e, nesse sentido, o artigo procura considerar o trabalho do pesquisador como inerente a relações sociais nas quais são considerados também elementos institucionais e políticos como, por exemplo, influência de órgãos de fomento, políticas públicas, ideologias liberais, entre outros.

5.4 Artigo “Repensando o produtivismo em gestão no (e a partir do) Brasil”

O ensaio proposto por Faria (2011) tem como objetivo explorar algumas questões históricas, políticas e internacionais que nos ajudam a compreender os principais antecedentes e implicações do produtivismo acadêmico na área de gestão de forma a provocar reflexões no (e a partir do) Brasil e para tal propõe um distanciamento de análises influenciadas pelo mundo euro-americano e de suas instituições.

Ao adotar uma perspectiva histórica e geopolítica, o autor destaca o aspecto político no campo científico da Administração considerando, também, aspectos internacionais. A dimensão sociológica ganha forma justamente na perspectiva política tendo em vista que o autor aborda disputas sociais que influenciaram e tem influenciado a dinâmica do referido campo.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A abordagem histórica adotada pelo autor também ganha relevância na análise sociológica do produtivismo que o autor se propõe. Segundo Faria (2011, p. 1167)

Apesar do senso comum e do desprezo dos acadêmicos da área de gestão por análises históricas, argumento aqui que a história não deve ser tida como mero passado. Tampouco devemos nos subordinar ao argumento de que “o show tem que continuar”. Ao contrário, a argumento aqui que análises históricas são de central importância para a compreensão do contexto contemporâneo e moldagem do contexto no futuro. O que estou afirmando aqui é que questões de política (inter)nacional que são desprezadas ou suprimidas pela área são importantes não somente para a adequada compreensão do processo de construção da gestão científica e expansão da cientificação da gestão no contexto da Guerra Fria, mas também para debates atuais sobre produtivismo acadêmico em gestão no Brasil

Nesse sentido, o autor procura provocar a reflexão por parte dos atores que atuam nesse campo científico ao dar ênfase na importância de uma estrutura de governança distinta daquela que é liderada por instituições europeias e norte-americanas. Porém, essa provocação não pode ser vista sob a perspectiva da dimensão prática aqui adotada como categoria para análise, já que não está diretamente relacionada com uma reflexão micro-sociológica do campo científico da Administração.

5.5 Artigo “Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica”

Em seu ensaio, Alcadipani (2011b) tem como objetivo falar dos efeitos do produtivismo em dois âmbitos: na formação dos alunos na graduação e no mundo da pesquisa, sendo que procura explicitar algumas formas de influência do campo na formação de alunos que, segundo o autor, obtêm seus diplomas por meio de “cursos enlatados, professores mal remunerados e livros-texto de baixa qualidade a rodo” (ALCADIPANI, 2011b, p. 1174).

Gerencialismo e produtivismo acadêmico são apresentados pelo autor como resultado de um processo de mercantilização do ensino na graduação que tem efeitos em todo o campo. Assim, ganham ênfase no seu ensaio aspectos estruturais do campo que tem influenciado, negativamente, a produção científica o que, por sua vez, podemos visualizar como elementos que podem ser pensados com base em elementos da dimensão sociológica do campo, que predomina em seu ensaio.

Nas palavras do autor,

Viramos gestores de projetos, burocratas de *papers*. A formação vem sendo cada vez mais esquecida, o objetivo é produzir ainda que sem formação ou conteúdo. Muitos estão adoecendo com este sistema. Mede-se, apenas, quantidade de produção acadêmica. A qualidade ficou de lado. (ALCADIPANI, 2011b, p. 1176, grifo no original)

A dimensão prática não é a ênfase do ensaio, mas vale ressaltar que o autor aponta que o produtivismo se reproduz na medida em que cada um dos pesquisadores o faz existir em seus cotidianos, ou seja, o sistema é alimentado pelos próprios professores e pesquisadores.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

5.6 Artigo “Conjecturas a respeito do campo científico da Administração e atuação do pesquisador”

Schlickmann et al (2012) objetivam apresentar em seu ensaio uma discussão teórica do funcionamento do campo científico da Administração e o quanto seus pesquisadores são influenciados pelo contexto em que estão inseridos.

Para tal, os autores apresentam um resgate teórico que dá ênfase a dois aspectos: o campo científico e a atuação do pesquisador nesse campo com o intuito de defender que são “os pesquisadores e as realidades que estudam os verdadeiros elementos constitutivos da ciência” (SCHLICKMANN ET AL, 2012, p. 137), posicionamento esse que, por sua vez, converge com a perspectiva de sociologia da ciência que procura contemplar tanto a dimensão sociológica quanto a dimensão prática, ou seja, compreender como determinado campo está organizado e a atuação dos seus integrantes no processo de construção e reprodução do conhecimento.

5.7 Artigo “O produtivismo e suas anomalias”

Godoi e Xavier (2012) procuram compreender como o produtivismo evolui a ponto de gerar diversas anomalias como, também, procuram compreender em que momento os pesquisadores passaram a fazer parte desse processo. Segundo os autores, o atual contexto do produtivismo “trata-se hoje precisamente de uma fábrica de fazer pontos [...], o produtivismo transformou a academia em uma perfeita “fábrica de loucos”, sem vítimas ou algozez” (GODOI; XAVIER, 2012, p. 454).

Os autores colocam o produtivismo com um fenômeno coletivo que cria anomalias, as quais são assimiladas e reproduzidas tanto por discentes quanto por docentes como, por exemplo, coautorias irresponsáveis e artigos superficiais que visam apenas pontuação. Por sua vez, as pressões impostas por eventos, periódicos e os próprios programas de pós-graduação também são vistas como anomalias coletivas que contribuem para a reprodução da lógica produtivista.

O ensaio proposto pelos autores tem forte marca sociológica ao preconizar a relação entre o campo social e as práticas individuais colocando principalmente os professores sob uma constante tensão que surge entre a pressão de reproduzir a lógica produtivista e a necessidade de critica-la, sendo que

É inquestionável a nossa obediência cega ao sistema, pois são professores que demitem o colega ancião que reduziu seu nível de produção e substituem-no por um colega mais produtivo. São professores que acatam as diretrizes superiores e induzem colegas a trabalharem 60 horas por semana cobrindo quatro funções: professor, pesquisador, orientador e burocrata. No entanto, o grande perdedor nesse sistema é o próprio professor, que também se cansa, adocece e morre na missão masoquista de preservar suas práticas anômalas (GODOI; XAVIER, 2012, p. 463).

Nesse sentido, o ensaio proposto procura compreender o fenômeno do produtivismo acadêmico principalmente sob o ponto de vista da dimensão sociológica, mas também destacando que é um fenômeno social e que “adquire força de sobrevivência e perpetuação pelos dispositivos de incentivo ao desejo de competição entre: universidades, programas de pós-graduação, docentes-pesquisadores e, até mesmo, entre discentes” (GODOI; XAVIER, 2012, p. 456).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

5.8 Artigo “Nem só de debates epistemológicos vive o pesquisador em Administração: alguns apontamentos sobre disputas entre paradigmas e campo científico”

O ensaio apresentado por Barbosa et al (2013) coloca o pesquisador como um agente político e tem como objetivo contribuir com reflexões sobre o pesquisador e os desafios epistemológicos e políticos com os quais se depara no fazer pesquisa, dando ênfase nas disputas de poder que permeiam o campo científico da Administração.

Nas palavras dos autores

enquanto os pesquisadores continuarem a se preocupar em reafirmar que tal paradigma é superior a outro devido a esta ou aquela característica, pouco contribuirão para a Administração evoluir como ciência, pois estão limitando-se a discutir apenas uma face da atividade científica. Os conflitos científicos não se restringem a argumentos epistemológicos e intelectuais; igualmente, envolvem e estão permeados por interesses de determinado pesquisador ou grupo de pesquisadores, em constituir autoridade (prestígio, reconhecimento, *status* etc.) dentro de um campo científico (BARBOSA et al., 2013, p. 643)

Nesse sentido, o ensaio procura abordar a atuação do pesquisador tanto a partir da dimensão sociológica – ao reconhecer as disputas de poder – quanto da dimensão prática ao dar ênfase no fato que os pesquisadores são protagonistas nesse campo e que são, por sua vez, movidos por interesses e valores pessoais em suas estratégias no processo de produção e reprodução do conhecimento. Porém, o artigo não traça considerações sobre o cotidiano de trabalho do pesquisador, mas sim o coloca como um agente que é essencialmente influenciado “por relações de força do campo científico”.

5.9 Artigo “A agenda do professor-pesquisador em Administração: uma análise baseada na sociologia da ciência”

Melo e Serva (2014) propõem, por meio de artigo teórico-empírico e de natureza essencialmente qualitativa, compreender o conteúdo de trabalho do professor-pesquisador, seus objetivos e as atividades que compõem sua agenda e, para tal, colocam o pesquisador e suas relações dentro do campo científico no dentro da investigação.

A artigo aborda o tema sob o ponto de vista da sociologia da ciência ao procurar compreender o cotidiano de trabalho do professor-pesquisador dentro do campo científico e, assim, procura compreender esse ator – o professor pesquisador – tanto sob o ponto de vista da dimensão sociológica quanto da dimensão prática.

A dimensão sociológica pode ser observada no reconhecimento do campo científico – e das relações que o permeiam – como um espaço de disputa e busca de poder/capital e no qual o pesquisador-professor desenvolve suas atividades.

Por sua vez, a dimensão prática é justamente a proposta do artigo: compreender o cotidiano desse ator a partir dele mesmo, saindo de uma informalidade sob esse cotidiano para compreendê-lo a partir de uma perspectiva empírica, sendo que o professor-pesquisador ao ser colocado no centro da investigação torna-se “elemento essencial para reflexão sobre o campo científico da Administração” (MELO; SERVA, 2014, p. 628).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

5.10 Artigo “‘Afinal, você também trabalha?’ Reflexões sobre o não trabalho no ambiente da pós-graduação em Administração”

Valadares et al. (2014, p. 210, grifo no original) apresentam como objetivo de seu ensaio “refletir sobre a centralidade as problemáticas do trabalho (*não trabalho*) na pós-graduação em Administração por meio da categoria teórica de subjetividade coletiva”.

Nesse sentido, Valadares et al. (2014, p. 210) argumentam que apesar da influência que a estrutura exerce nos indivíduos, esses podem por meio da reflexividade “reafirmar posicionamentos, resistências, manifestar perspectiva mais crítica frente ao processo de trabalho, que, por sua vez, não pode ser separado de outras dimensões da vida”.

Apesar de tratarem de forma direta o tema campo científico, os autores propõem uma discussão na qual os atores de determinado espaço social – a pós-graduação em Administração no Brasil – são agentes que atuam de forma direta e consciente nas dinâmicas desse espaço. Nesse sentido, Valadares et al (2014, p. 211) apontam que mestrandos, doutorandos, docentes e pesquisadores não são compreendidos apenas a partir dessas categorias, mas também como sujeitos que com suas “histórias de vidas distintas, memórias, lembranças, tal como condições sociais e econômica diversas” são elementos chaves para compreender a dinâmica do referido espaço.

Ao observarem que todos estão sujeitos a influências do produtivismo acadêmico, Valadares et al (2014) enfatizam que essa influência tem níveis diferentes, sendo que esses níveis estão diretamente relacionados com as estratégias e caminhos que cada sujeito adota e se propõe a seguir e que, por sua vez, resultam em três diferentes tipos de inserção dos pós-graduandos no mundo acadêmico, a saber: os que tentam resistir a lógica do produtivismo acadêmico, os que consideram que o produtivismo acadêmico não interfere em seu cotidiano e os pós-graduando que reconhecem a sua existência mas que não sentem necessidade na resistência à essa lógica.

Nesse sentido, o ensaio dos autores não procura compreender unicamente a realidade de professores, mas sim apresenta como principal corte de análise reflexões a respeito do trabalho de pós-graduandos o que, por sua vez, tem sua relevância ao discutir atores específicos que contribuem na dinâmica do campo científico da Administração.

A respeito da influência do produtivismo acadêmico na vida dos pós-graduandos, Valadares et al (2014, p. 218) colocam que

Apesar da existência de ambos os perfis, observamos no cotidiano que o fenômeno acarreta implicações à vida acadêmica de todos os tipos de pós-graduandos. As doenças adquiridas, as fadigas exacerbadas, o discurso de ocupação atrelado ao ambiente de pós-graduação, as exigências por parte das políticas públicas (leia-se normatizações efetuadas pela CAPES) torna-se uma realidade na prática da pesquisa na pós-graduação legitimando um tipo de *práxis* instrumentalizada nos resultados do mercado [...]

Diante do exposto, podemos observar que o ensaio dos autores procuram contemplar uma relação tensa entre a estrutura (lógica produtivista acadêmica) e os atores do campo (pós-graduandos), colocando os últimos como sujeitos que tem escolha, mas que essas são influenciadas por pressões exercidas pelo campo científico, ou seja, apesar de não dar ênfase ao cotidiano do trabalho de pós-graduandos, os autores discutem esse cotidiano a partir de influências exercidas pela lógica produtivista o que, por sua vez, não necessariamente remete a dimensão prática definida como categoria de análise no presente artigo, mas que também não tira a relevância da reflexão proposta pelos autores, já que

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

procuram apontar problemas/anomalias que a lógica produtivista tem imputado aos pós-graduandos.

5.11 Artigo “Lógicas de ação de professores em Administração: uma análise baseada na sociologia da ciência”

O objetivo do artigo de Serva et al (2016, p. 64) é “iniciar um processo de explicitação, em base científica e numa perspectiva socioprofissional, das lógicas de ação e das estratégias utilizadas por professores de escolas de administração no Brasil”, sendo que o artigo pode ser classificado como um estudo teórico-empírico e de natureza qualitativa.

Com o intuito de compreender o campo tendo como ponto de partida o cotidiano do professor, os autores adotam uma postura teórico-epistemológica orientada pela abordagem do campo científico bourdieusiano e da sociologia pragmática de forma que contemplam tanto a dimensão sociológica quanto a prática, definidas como categoria de análise no presente artigo.

O campo científico, como dimensão sociológica, exerce influência nos atores tendo em vista que muitos dos seus elementos não estão sob controle dos indivíduos, sendo que o reconhecimento e legitimação dos atores no campo não depende exclusivamente de suas capacidades intelectuais individuais, mas também de fatores institucionais.

Porém, a dimensão prática ganha destaque no artigo quando Serva et al. (2016, p. 77) colocam que

Existem opções de ação disponíveis no campo. Opções estas, por vezes, limitadas – e limitantes à ação –, mas se percebe, primeiramente, a possibilidade de escolha dentre as alternativas, a exemplo da opção dentre as configurações possíveis, ou ainda a mais básica de não segui-las, optando por não responder a essas opções. Mas, mais que isso, existe a possibilidade de influenciar as próprias opções disponíveis no campo, na medida em que apresentam suas críticas e agem politicamente.

Nesse sentido, os atores do campo não são compreendidos como sujeitos passivos e sim sujeitos que fazem escolhas com base em sua capacidade crítica o que, por sua vez, imputa uma outra abordagem para compreender a dinâmica do campo científico: o cotidiano de vida e trabalho dos sujeitos, ou seja, a dimensão prática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo desse trabalho, destacamos que nossa proposta é analisar artigos selecionados que tratem de temas referentes ao campo científico da Administração no Brasil, sendo que a proposta de análise se orientou por três dimensões: metodológica, sociológica e prática.

Metodologicamente, a forma de ensaio teórico predomina entre os artigos selecionados, sendo que o principal tema discutido tem sido o produtivismo acadêmico – a partir de uma perspectiva macrosociológica – e o principal espaço de divulgação dos trabalhos é a Revista Cadernos EBAPE.BR. No que diz respeito à dimensão sociológica, a mesma é abordada, principalmente, a partir de temas referentes as relações de poder e institucionalização e mercantilização do ensino de Administração, temas esses que por sua

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

vez tem maior espaço nas abordagens críticas em Administração. Por fim, a respeito da dimensão prática, observamos que estudos que tratam do campo científico a partir dos atores ainda são poucos e isso, por sua vez, pode ser explicado, em parte, pela natureza microsociológica dessa abordagem, sendo essa ainda pouco difundida no campo da Administração como um todo, inclusive nos estudos organizacionais críticos.

Por outro lado, se pensarmos historicamente a formação da Administração no Brasil a partir da década de 50 com a criação das primeiras escolas de Administração, observamos que já faz quase 70 anos que o fenômeno “Administração” se instala na sociedade brasileira a partir de um segmento profissional reconhecido acompanhado pela formação de um campo científico.

Assim, quando observamos que os primeiros trabalhos que propõem discutir o campo científico da Administração pelos seus próprios atores surgem em meados do ano de 2010 – pelo menos a partir das palavras-chaves selecionadas como, também, artigos publicados em periódicos da área de Administração – nos leva a pensar sobre os motivos desse movimento tardio dessa reflexão sociológica no campo da Administração, principalmente quando observamos que a sistematização da Sociologia da Ciência – como disciplina específica da Sociologia – data dos anos 30 do século passado. Quais os motivos para esse interesse tardio e do atual interesse no mesmo?

Além disso, o que revela o maior interesse pelo tema “produtivismo”, principalmente quando o mesmo aparece relacionado com a internacionalização tanto do campo profissional quanto científico da Administração? Quais motivos fazem com que os estudos de dimensão sociológica – principalmente as análises institucionais e de poder – predominem quando em comparação com os estudos das práticas? E quais as possíveis implicações desse predomínio na reflexão a respeito do campo científico da Administração?

É certo que essa reflexão tem tido maior interesse por parte de pesquisadores que se colocam de forma crítica no campo da Administração, em oposição ao paradigma funcionalista, como apontam Chanlat e Séguin (1992) e que por si só já constitui um campo marginalizado na Administração e que chegou tardiamente devido a cinco motivos: desinteresse e certo receio à abordagem marxista por parte dos estudos organizacionais, expansão econômica do pós-guerra e o dito triunfo do capitalismo, o totalitarismo de experiências comunistas, o radicalismo das abordagens marxistas e a hegemonia do funcionalismo anglo-saxão tanto nos estudos organizacionais quanto nas ciências sociais como um todo (CHANLAT; SÉGUIN, 1992).

O que Chanlat e Séguin (1992) colocam é a chegada tardia de posturas críticas em Administração no mundo, mas no Brasil? O movimento começa pontualmente com autores como Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenbeg a partir da década de 70. Será que os motivos apresentados por Chanlat e Séguin poderiam nos ajudar a compreender o aspecto tardio dessa reflexão no Brasil? Quando é que o movimento crítico realmente se constitui no Brasil, no sentido de estudos consistentes, consolidação de grupos de pesquisas, entre outros? Quais as influências de outros campos do conhecimento na formação e constituição do tido “paradigma crítico” na Administração? E as consequências dessas influências?

Enfim, reforçamos que a proposta aqui é colocar o tema em debate a partir da constatação da existência de uma Sociologia da Ciência em desenvolvimento no campo da Administração. Assim, enfatizamos que estamos apenas começando e, assim, lançando o

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

debate para enriquecer essa análise e pensar a produção em sociologia da ciência da Administração no Brasil.

Propomos, assim, um convite para irmos refletindo na medida que o fenômeno vai se intensificando, irmos trabalhando e refletindo sobre o trabalho que estamos fazendo enquanto construímos o campo e, assim, refletindo e criticando enquanto ele se faz, ou seja, buscar elementos de reflexão para aquilo que estamos fazendo, pensando o fenômeno enquanto ele se faz.

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. **Organização & Sociedade**, v. 18, n. 57, p. 345-348, abr./jun. 2011a.

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1.174-1.178, dez. 2011b.

AUDET, M. Le procès des connaissances de l'administration. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Org.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1986. 23-56 p.

BERRY, Michel. L'agenda du chercheur. L'action individuelle. **Sciences humaines**, hors-série, n. 9, maio-jun. 1995.

BINI, T. J.; SERVA, M.; MELO, D. As habilidades de gestão dos coordenadores de grupos de pesquisa no campo da administração: uma análise baseada na sociologia da ciência. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 3., 2013, Florianópolis. **Anais...**. Florianópolis: Núcleo ORD-UFSC, 2013. 1-36 p

BOURDIEU, P. O campo científico. In : Ortiz, R. (Org.) **Pierre Bourdieu – sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

CAMARGOS, M. A. de; FERREIRA, A. R.; CAMARGOS, M. C. S. Percepção, atuação, autonomia e condições de trabalho de coordenadores do curso de Administração de IES do estado de Minas Gerais. *Revista de Gestão*, São Paulo, v. 17, n. 3, p.285-296, jul./set. 2010.

CEFAÏ, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

CHANLAT, J.F.; SÉGUIN, F. **L'analyse des organisations: une anthologie sociologique**. Québec: Gaëtan Morin, 1992.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed Porto Alegre (RS): ARTMED, 2010. 296 p.

DORTIER, J.-F. Qu'est-ce qu'un chercheur? **Sciences Humaines**, n. 31, dez. 2000/jan. 2001.

FARIA, A. Repensando produtivismo em gestão no (e a partir do) Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1164-1173, dez. 2011.

GINGRAS, Y. et al. Du savant au chercheur entrepreneur, in **Sciences Humaines**, hors-série n° 31, décembre, 2000.

GODOI, C. K.; XAVIER, W. G. O Produtivismo e suas Anomalias. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.456-465, jun. 2012.

HALFFMAN, W.; RADDER, H. The Academic Manifesto: from an occupied to a public university. **Minerva**, p. 165-187, 2015.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório : a produção dos fatos científicos**. Relume Dumará, 1997.

LECLERC, G. Qui sont les intellectuels? Le cas des universitaires. **Sciences Humaines**, v. 28, n. 157, fev. 2005.

LOUVEL, S. Le monde des chercheurs. **Sciences humaines**, v. 28, n.157, fev.2005.

MACHADO, A. M. N.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador pesquisador. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p. 244-254, 2011.

MACHADO-DA-SILVA, C.; AMBONI, N.; CUNHA, V. C. Produção Acadêmica em Administração Pública: Período 1983-88. In: Encontro Anual da ANPAD, XIII, 1989, Águas de São Pedro-SP. Anais... Águas de São Pedro, ANPAD, 1989.

MARTIN, O. La construction sociale des sciences, in **Sciences Humaines**, hors-série n° 31, décembre 2000.

MELO, D. **A agenda do professor pesquisador em Administração: uma análise baseada na sociologia da ciência**. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Curso de Administração. Florianópolis, 86 p. 2011

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

MELO, D.; SERVA, M. A agenda do professor pesquisador em administração: uma análise baseada na sociologia da ciência. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, jul./set. 2014

MERTON, R. K. Os imperativos institucionais da ciência. In : Deus, J. D. de (Org.) **A crítica da ciência : sociologia e ideologia da ciência**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1974.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo (SP): Atlas, 2005.

PAIVA, K. C. M. de; OLIVEIRA, M. C. de S. M. de; MELO, M. C. de O. L. Produção científica brasileira sobre empresa familiar - um metaestudo de artigos publicados em anais de eventos da ANPAD no período de 1997-2007. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo , v. 9, n. 6, 2008.

PINHEIRO, D. M. **A vida e trabalho do professor pesquisador em administração no sul do Brasil**. Tese de Doutorado em Administração – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 267 p., 2013.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SCHLICKMANN, R. **Administração universitária** : desvendando o campo científico no Brasil. Tese de Doutorado em Administração – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 228 p., 2013.

SCHLICKMANN, R. et al. Conjecturas a Respeito do Campo Científico da Administração e Atuação do Pesquisador. *Revista Gestão & Tecnologia*, Pedro Leopoldo, v. 12, n. 3, p.132-145, dez. 2012. Quadrimestral.

SERVA, M. A importação de metodologias administrativas no Brasil: uma análise semiológica. **Revista Brasileira de Administração Pública**, v. 26, n. 4, p. 128-144, 1992.

SERVA, M.; PINHEIRO, D. Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração: uma reflexão inicial sobre os estudos do campo no Brasil. **Anais do XXXIII ENANPAD**, 2009.

SERVA, M. et al. Lógicas de ação de professores em administração: uma análise baseada na sociologia da ciência. **Revista de Ciências da Administração** , v. 18, n. 45, p. 64, 2016.

VALADARES, J. L. et al. Afinal, Você Também Trabalha??: Reflexões sobre o Não Trabalho no Ambiente da Pós-Graduação em Administração. *Teoria e Prática em Administração*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p.206-233, dez. 2014.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.